



DA LEITURA FÍLMICA À REFLEXÃO SOBRE OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Antônio Rafael de Queiroz Lima (autor); Antônia Izaete Simão Carvalho; Patrícia Cristina da Silva Santos; Keila Lairiny Câmara Xavier; Iure Coutre Gurgel (orientador)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – dlpatuurn@gmail.com

RESUMO

A educação inclusiva representa um dos principais desafios da área da educação nos últimos anos, desde questões relacionadas à emergência da temática no âmbito mundial a necessidade de reestruturação escolar mediante a manutenção das práticas educativas vigentes. A partir dessa constatação, este artigo teve como objetivo identificar as concepções, posicionamento e atitudes inerentes à organização escolar sobre a Educação Inclusiva, bem como analisar os desafios enfrentados pelos professores no que se refere a essa temática. Procuramos oportunizar algumas discussões teóricas sobre a função da escola e do professor frente à inclusão. Para isso, desenvolvemos uma leitura crítica das obras cinematográficas *Cuerdas*, de Pedro Solís García, e *Como estrelas na terra*, de Aamir Khan. Estas produções tratam diretamente da educação inclusiva e sinalizam as barreiras e impedimentos existentes, que interferem na sua efetivação. A análise dessas obras à luz da legislação que rege e regulamente a educação inclusiva promove esclarecimentos pertinentes para entendermos o caminho seguido por esta proposta de equidade de direitos. Por fim, concluiu-se que, ao pensar a inclusão como garantia de direitos, incluir não é tarefa fácil, haja vista que a inclusão é um processo complexo se considerarmos os seus objetivos, que estão pautados na garantia do sucesso da aprendizagem. Portanto, para que a inclusão realmente aconteça, o aluno deve estar inserido no ensino regular, participar e fazer parte das atividades desenvolvidas, deixando de ser um mero espectador ou ornamento na sala de aula, e passando a ser atuante; essa é a proposta pedagógica seguida pela educação inclusiva.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Educação Especial, Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

O acesso de alunos com deficiência ou necessidades educacionais especiais (NEE) às escolas públicas e/ou privadas já é uma realidade em nosso país, mas a sua efetivação ainda é motivo de reflexão. Entra em questão a reestruturação da educação especial e a organização dos sistemas de ensino, destacando as práticas conservadoras que ainda vigoram na educação e interferem na manutenção do ambiente escolar.



Transformar a escola em ambiente acolhedor e propulsor de novas identidades, de novas formas de percepção do grupo com deficiência e do grupo sem deficiência, não é uma tarefa simples. Envolve largamente forças antagônicas, como a formação educacional preconizada pelo capitalismo, de caráter conteudista com foco em produção quantitativamente mensurável (Enade, Enem, Prova Brasil e Prefácio 8 Pisa) e a proposta humanística da inclusão, voltada à valorização das diferenças com base em estratégias de adaptação, complementação e suplementação que valorizam aspectos sociais e qualitativos em detrimento do sistema de provas. (BATISTA JÚNIOR, p. 7-8, 2016)

Além dos aspectos elucidados acima, para que a inclusão realmente aconteça, é imprescindível assegurar inúmeros recursos: a parceria entre os docentes, o atendimento educacional especializado (AEE), quando necessário, o apoio familiar e o direcionamento de verbas públicas para o investimento em acessibilidade. Dessa forma, pensar a inclusão significa repensar as práticas pedagógicas, metodologia de ensino, formação docente, estruturação da escola, e por último, mas não menos importante, significa repensar a política educacional voltada para pessoas com deficiência.

Para lidar com um quadro tão complexo, é primordial que a escola estruture uma rede de apoio. Assim, pais, professores e gestores educacionais terão um ângulo maior de visão para diagnosticar os caminhos a serem trilhados em busca da verdadeira inclusão.

A universalização do ensino e a melhoria de sua qualidade, a elevação da escolaridade, a preparação tecnológica e a formação geral, abstrata, abrangente e polivalente dos trabalhadores são fundamentais para toda sociedade, especialmente quando se tem em vista, no mínimo, a garantia da igualdade de oportunidades. (LIBÂNEO, p. 128, 2012)

Libâneo (2012), ao tratar dos impactos e perspectivas da revolução tecnológica, alerta para a garantia da igualdade no que se refere às oportunidades e destaca que o grande desafio é incluir, nos padrões de vida digna, os milhões de indivíduos excluídos e sem condições básicas para se constituírem cidadãos participantes de uma sociedade em permanente mutação.

No dia 15 de dezembro de 2010, o ministro da Educação, Fernando Haddad, apresentou projeto de lei contendo o novo PNE para o período de 2011 a 2020. Composto por 12 artigos e um anexo com 20 metas para a educação, o projeto de lei trata na meta 4, exclusivamente, da “universalização do atendimento escolar aos



estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na rede regular de ensino”.

Em 2009, a política de Educação Inclusiva, estabelecida pelo Ministério da Educação, ampliou os serviços com a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) que consiste no atendimento complementar ou suplementar para a formação do/a aluno/a com deficiência, ofertado por professores/ as de diversas áreas do conhecimento, pedagogos e/ou profissionais da área da saúde. (BATISTA JÚNIOR, p. 12, 2016)

Com esse avanço, tivemos o surgimento de novos desafios para as escolas. Esse novo cenário trouxe a reflexão sobre o acolhimento e acompanhamento dos alunos destinados ao serviço do atendimento especializado. Batista Júnior (2016) ainda alerta que um dos pontos mais importantes na proposta inclusiva é a realização de adaptações e adequações curriculares para a efetiva inclusão desses alunos com deficiência, bem como o projeto pedagógico adequado, em conformidade com as orientações do AEE.

Diante desses desdobramentos do que conhecemos como Educação Inclusiva, discutiremos através da reflexão dos filmes “*Cuerdas*” e “*Como estrelas na terra*”, obras que promovem uma pertinente discussão no que se refere à inclusão. Inicialmente tomemos como base o filme “*Cuerdas*” com o qual identificaremos variadas situações do cotidiano de um aluno com deficiência, analisando-as sob diversos ângulos.

2 LEITURA FÍLMICA – CUERDAS

2.1 Análise reflexiva a partir do filme *Cuerdas*

O filme de animação *Cuerdas* (Cordas) foi premiado como melhor curta-metragem em espanhol no Goya 2014, evento realizado pela Academia das Artes e Ciências Cinematográficas da Espanha que condecora os melhores profissionais da área cinematográfica. Escrita e dirigida por Pedro Solís García, a animação em 3D tem 10 minutos de duração e uma profundidade crítica que emocionam.

A reflexão, primeiramente suave e agradável emanada do filme, instiga o espectador a repensar seus atos e suas opiniões sobre o trato com as pessoas, especialmente com aquelas ditas especiais. Produzido para crianças, o filme promove a valorização do outro,



independente das diferenças físicas, psíquicas e sociais.

Em resumo, são 10 minutos de muita emoção refletida nas ações de Maria, menina pura, estudante de um orfanato bem semelhante ao cenário educacional atual. A emoção é exposta através da construção de um laço de amizade Maria e Nicollás, que sofre de paralisia cerebral. Ao perceber as impossibilidades do amigo, Maria busca inclui-lo em atividades recreativas e jogos praticados por ela e seus colegas, mas, inicialmente não tem sucesso. A todo instante, as ações da menina se concentram na diversão do amigo, não importando quanto tempo isso demore.

De forma inocente, Maria procura condições para o amigo se alegrar e ser tão participativo quanto ela. A atitude tomada por ela substitui o que cabe à escola na garantia dos direitos à educação de alunos com deficiência. A escola deve proporcionar um ambiente acolhedor para atender às singularidades dos seus alunos.

A LDB traz um capítulo dedicado exclusivamente à Educação Especial:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviço de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

Usando o que estava ao seu alcance, no caso cordas, a menina consegue fazer o amigo participar de suas brincadeiras e jogos, agora reconfigurados para atender às suas necessidades. Para Nicollás, seria necessário um apoio



especializado na escola, como não há, Maria exerce fielmente esse papel e alcança resultados surpreendentes, por se tratar de uma criança. A lei expressa acima é clara quanto ao atendimento educacional especial, mas muitos problemas impedem a sua execução.

Nem todos que têm necessidades educacionais especiais (NEE) precisam de um auxiliar, mas quando há impedimento à inclusão esse profissional pode e deve fazer parte da vida escolar do aluno. Um dos problemas gerados com isso surge com expressão “quando necessário”, presente no inciso 1 do artigo 58 da LDB. Por mera interpretação, muitas vezes o auxiliar não está presente na escola, por esta não considerar necessário ou até mesmo a família não achar conveniente.

Para a escola, a presença desse auxiliar pode gerar diferentes olhares sobre a sua prática pedagógica, pois ele estará acompanhando todo o processo de ensino e acolhimento ao aluno especial. Já para a família e respectivamente para o aluno, dependendo de sua faixa etária, pode ser constrangedor essa presença constante. O que se percebe é que a enganosa interpretação da lei pode proporcionar diversos problemas no desenvolvimento desse aluno.

A suavidade com a qual *Cuerdas* retrata esse cenário nos faz identificarmos outro ponto relevante: o papel dos outros alunos – ditos normais. É grande a interferência dos colegas no crescimento do aluno com necessidades especiais. O auxiliar tem um olhar geral sobre a criança e nesse aspecto os educadores podem conhecer melhor o aluno com NEE, mas os colegas podem não reconhecer as suas habilidades e por esse motivo excluí-lo de brincadeiras, como também pode acontecer o inverso – o que é visto no filme. Maria vê o amigo de forma diferente dos colegas, que o excluem e até duvidam que ele possa participar dos jogos. Ela oportuniza a presença do colega e encontra resultados positivos. Existem muitas “Marias” nas escolas brasileiras, mas infelizmente existem muitos alunos como os do orfanato, que hostilizam, inibem e desmerecem alunos com NEE.

Entra em questão, novamente, o papel do educador e do auxiliar, ambos têm responsabilidades sobre esse aluno, que não devem ser esquecidas. A presença do auxiliar e sua participação nas reuniões permite que a escola encontre soluções eficazes para a inclusão desse aluno. É preciso que haja regras claras quanto a relação entre auxiliar e aluno, bem como em relação a sua participação na sala de aula. O profissional não deve assumir as responsabilidades da criança, podendo ajuda-la no desenvolvimento das atividades, mas ajudando-a a ter autonomia.

3 COMO ESTRELAS NA TERRA



O transtorno da aprendizagem é um dos grandes obstáculos existentes nas salas de aulas brasileiras que impede o pleno desenvolvimento da leitura e da escrita de milhares de crianças que estão, principalmente, em fase de alfabetização. Mas, é necessário chamar atenção, que nem todas as crianças que apresentam dificuldades na leitura e escrita, são disléxicas, em muitos casos é a deficiência da própria escola, como mostra o filme “Como estrelas na Terra – Toda criança é especial”, de Aamir Khan (2007), que será discutido a seguir:

O filme, destacado acima, expressa a realidade de um tradicionalismo escolar que não contribui para o aprendizado de uma pessoa disléxica, pois evidencia doutrinas antididáticas, nas quais não consegue adequar-se às necessidades dos alunos ou proporcioná-los um conhecimento crítico, e uma leitura mais aberta de mundo, trazendo para o educando enormes frustrações, gerando um único rendimento: o da não aprendizagem.

A trama do filme oscila profunda reflexão ao contar a história de Ishaan Awasthi, um garoto de nove anos que enfrenta dificuldades de aprendizagem devido ao fato de ter dislexia, entretanto seu problema é ignorado tanto pelos pais quanto pelos professores.

Ishaan estuda em uma escola de ensino tradicional, sendo este um colégio interno, onde a aprendizagem é toda voltada para a reprodução e memorização, sendo esta última de presença forte e marcante como uma dificuldade da dislexia. Tudo isso somado a insensibilidade dos professores para com as reais necessidades do menino, a falta de interesse pelo seu problema e principalmente a falta de carinho (prática indispensável à docência) tornaram Ishaan um menino totalmente triste e frustrado. Além desta terrível vivência escolar, o garoto sofre com as ações de seu pai que, a todo o momento, sem compreendê-lo e sem ter o conhecimento do seu verdadeiro problema, está sempre lhe magoando e ameaçando com palavras, comparando-o a seu irmão mais velho que não possui nenhuma dificuldade com os estudos, pelo contrario, é sempre bom no que faz, é o primeiro da classe. Com isso, Ishaan se torna cada vez mais desmotivado para realizar suas atividades do dia a dia.

Em meio a essa situação, surge um professor com habilidades e metodologias inovadoras, munido de uma postura avessa aos demais, na qual se proporcionavam a uma prática de trabalho cristalizada a padrões que levaram os alunos a imobilidade, a passividade e a desmotivação.

Nikumbi - o novo professor de artes - transforma a aula, que antes era um pesadelo, em momentos mágicos e prazerosos de aprendizagem. Nikumbi buscava a cumplicidade entre ele e o seu aluno, a fim de desenvolver o aprendizado de habilidades e conteúdos significativos veiculados a realidade vivenciada.



Considerando o talento de Ishaan em pintura, o professor ampliou essa habilidade, utilizando-se de métodos e atividades que exercitasse a sua imaginação e fantasia, transformando a aula em algo agradável que o instigou a buscar conhecimento. A partir daí, Nikumbi observou a tristeza de Ishaan em suas aulas, se informou sobre a história e a vida do garoto, e descobriu que o mesmo tinha dislexia. Resolveu então, ensinar ao menino em horários extras, dentro e fora da sala de aula, a ler e a escrever de maneira diferente, atenciosa e dinâmica, explicando aos pais e demais professores do garoto sobre o que é a dislexia, como ela deve ser trabalhada na criança, e principalmente apontando, aos pais de Ishaan, os erros que estavam cometendo em relação ao seu filho e a dificuldade que ele possuía.

Respeitando seus limites e valorizando suas ideias, o educador devolveu ao menino sua confiança, fazendo assim com que ele superasse suas dificuldades e desenvolvesse seu real potencial e assim retomasse sua alegria e vontade de viver.

Na fase escolar, é necessário e de suma importância, que o educador atente-se para saber se a criança continua apresentando alguns dos sintomas a seguir, para que ele possa ter o acompanhamento adequado do aluno e para dar seguimento nos estudos junto com os demais colegas tendo menos prejuízo emocional: dificuldade na aquisição e automação da leitura e escrita, pobre conhecimento de rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras), desatenção e dispersão, dificuldade de copiar de livros e da lousa, na coordenação motora fina (desenhos e pinturas) o que não é o caso de Ishaan que apresentava alta habilidade e talento na arte de pintar e criar desenhos, desorganização geral cabendo citar atrasos na entrega de trabalhos escolares e perda de materiais escolares, troca de letras na escrita (caso bem específico no filme), dificuldade na memória de curto prazo (como instruções e recados), vocabulário pobre com sentenças curtas e imaturas ou sentenças longas e vagas, dificuldade em decorar sequências, em nomear objetos e pessoas (disnomias), problemas de conduta como depressão, timidez excessiva ou o “palhaço” da turma, bom desempenho em provas orais, dificuldade de manusear mapas, dicionários e entre outros.

Caso a criança não tenha tido um acompanhamento adequado na fase escolar ou pré-escola, quando adulto os sintomas da dislexia continuarão acarretando uma série de prejuízos emocionais, tendo como consequência: depressão, ansiedade, autoestima baixa, promovendo ainda perdas na vida profissional e social. Diante disso, o diagnóstico de dislexia não significa que a criança seja menos inteligente, significa apenas que é portadora de um distúrbio que pode ser corrigido ou atenuado pressupondo um processo longo que demanda muita persistência, levando em consideração que não há



ainda, necessariamente, uma cura definitiva para a dislexia.

Segundo Braggio (2006), o diagnóstico da dislexia traz quase sempre indicações para acompanhamento específico em uma ou mais áreas profissionais (fonoaudiologia, psicologia, psicopedagogia...), de acordo com o tipo e nível de dislexia constatada. Assim sendo, a escola procura assegurar, desde logo, os canais de comunicação com o(s) profissional (is) envolvido(s), tendo em vista a troca de experiências e de informações.

A escola desempenha um papel fundamental no trabalho com os alunos que apresentam dificuldades de linguagem e escrita, tendo em vista que é no ambiente escolar que os sinais da dislexia começam a ser percebidos, pois é o local onde a leitura e a escrita são permanentemente utilizadas e, sobretudo, valorizadas.

Nessa perspectiva, Braggio aponta que:

A experiência tem demonstrado a necessidade de se manter a comunidade educativa permanentemente informada a respeito da dislexia. Informações sobre eventos que tratam do assunto e seus resultados, desempenho dos alunos portadores de dislexia, características da síndrome, maneiras de ajudar o aluno disléxico na escola, etc. (BRAGGIO, 2006, p. 9)

Não é necessário que alunos disléxicos fiquem em classe especial. Alunos disléxicos têm muito a oferecer para os colegas e muito a receber deles. Essa troca de humores e de saberes, além de afetos, competências e habilidades só faz crescer a amizade, a cooperação e a solidariedade de ambas as partes. O professor, diante de um aluno com dislexia, deve ser flexível, apresentando-lhe primeiramente, condições para que ele possa adquirir o conhecimento de que ele necessita de acordo com suas capacidades, sabendo assim, avaliá-lo de maneira eficiente baseando-se no seu progresso evolutivo.

Para Martins (2001), o zelo pela aprendizagem passa pela recuperação daqueles que têm dificuldade de assimilar informações, sejam por limitações pessoais ou sociais. Daí, a necessidade de uma educação dialógica, marcada pela troca de ideias e opiniões, de uma conversa colaborativa em que não se cogita o insucesso do aluno.

É de grande importância a atitude da família para ajudar no diagnóstico e tratamento da dislexia, tendo em vista que a partir das observações feitas pelos pais é possível viabilizar um tratamento mais específico para possibilitar a essa criança um desenvolvimento pleno, tanto na esfera educacional como na social. A família deve descobrir tudo o que puder sobre o desenvolvimento de seu filho para prestar um melhor acompanhamento, buscando também um profissional



adequado ao caso para ajuda-lo. Os pais de crianças disléxicas, assim como os pais de Ishaan, precisam ser pacientes e perseverantes, tentando desenvolver um bom relacionamento com o filho. Existem atitudes essenciais para melhorar essa relação entre pais e filhos com dislexia, como por exemplo, ficarem calmos ao receberem notificações do colégio, ensinar a eles se organizarem usando o tempo da melhor maneira, ensinar dando-lhe autonomia, nunca deixá-lo desistir, não compará-lo com os demais irmãos (como no filme, onde o disléxico era o tempo todo comparado com seu irmão mais velho), ajudá-lo nas atividades escolares, elogiá-lo, motivá-lo para que possa sentir segurança em si próprio.

Em uma determinada cena do filme, o garoto disléxico consegue finalmente abotoar a camisa, amarrar os cordões dos sapatos, enfim, tarefas simples, que para a criança portadora de dislexia são muito complicadas.

Relacionado ao que foi dito, é perceptível a função primordial da família para ajudar o disléxico a conquistar sua autonomia pessoal, intelectual e social, sempre incentivando-o, elevando sua autoestima, ajudando a criança a entender suas limitações, mas também, mostrando que o mesmo é capaz de realizar qualquer atividade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões desenvolvidas neste artigo, reconhecemos as inúmeras dificuldades encontradas nos ambientes educacionais para o atendimento aos alunos deficientes. É preciso, pois, que o professor reconheça a necessidade de renovações no processo de ensino, que possa instaurar novas formas de aprendizagem, desenvolvendo ações pedagógicas, promovendo o desenvolvimento das potencialidades individuais e a capacidade do aluno em adequar suas limitações à realidade educacional, que de fato, está bem explícita nos filmes analisados.

O papel do professor é dirigir um olhar flexível para cada aluno que tenha dificuldade, e compreender a natureza destas dificuldades, buscar um diagnóstico especializado, uma orientação para melhorar o cotidiano da criança, e se instrumentalizar. Os educadores precisam ser capacitados para trabalhar com essas crianças, já que requerem muita calma e paciência (características marcantes em Nikumbi), pois eles serão mais lentos que os demais nas atividades escolares.

Infelizmente, “transformar a escola em ambiente acolhedor e propulsor de novas identidades, de novas formas de percepção do grupo com deficiência e do grupo sem deficiência, não é



uma tarefa simples” (BATISTA JÚNIOR, 2016, p. 7). Há escolas que não estão preparadas para receber o aluno deficiente, pois, não há uma cartilha, um método, uma receita, para trabalhar com esse aluno. A eficácia da Educação Inclusiva dependerá da relação e troca de informações no âmbito escolar, onde professores, pais e alunos trabalhem juntos para obterem resultados positivos na aprendizagem sem excluir nenhum agente.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABD - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/abd/dislexia.htm>>. Acessado em: 12 maio 2012.

BATISTA JÚNIOR, J. R. L. **Pesquisas em educação inclusiva: questões teóricas e metodológicas** / José Ribamar Lopes Batista Júnior. – Pippa Comunicação, 2016. 300p. : Il., Fig., Quadros. (e-book)

BEHRENS, Marilda aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 2003.

BRAGGIO, Mario Angelo. **A inclusão do disléxico na escola**. Disponível em: < www.Dislexia.org/material/estudantes/inclusão_dislexico.doc >. Acessado em: 12 de maio 2012.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

KHAN, Aamir. **Como estrela na terra, toda criança é especial**. Bollywood, 2007. 1 DVD, 165 minutos.

LIBÂNEO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira. TOSCHI. Mirza Seabra. **Educação Escolar: política, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 201k.

MARTINS, Vicente. **Dislexia e educação especial no Brasil**. Disponível em: < <http://br.monografias.com/trabalhos/disle/shtml> >. Acessado em 12 de maio 2012.